



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8088 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 13 - Educação Fundamental

DESAFIOS, TENSÕES, ANGÚSTIAS: ESCOLA NÃO PRESENCIAL PARA OS ANOS INICIAIS

Luiza Cristina Gatti Peralta - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Crizan Sasson Corrêa de Oliveira - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Vivemos em um momento de grande mudança no cenário educacional e nas possibilidades da garantia ao direito à educação, devido à impossibilidade de contato e ensino presencial. Discutimos as particularidades vividas por duas experiências docentes, em duas escolas no Rio de Janeiro, sendo uma escola pública e a outra privada. Duas realidades vividas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que se unem numa concepção de *ensinoaprendizagem* emancipatória, dialógica, reflexiva, entre outras aproximações. Trata-se de um diálogo entre experiências, suas possíveis relações e desafios institucionais em período pandêmico. Ambas as escolas atuam com a concepção do conhecimento construído com o outro, no coletivo e na partilha, sendo os estudantes protagonistas deste processo.

Para tal, apresentamos a necessidade de articulação entre as diferentes experiências escolares, como espaço de troca não hierárquica, sem tecer generalizações. As muitas coincidências nos trajetos até agora percorridos, levaram-nos a buscar reflexões em parceria de escrita, como potencial para desenvolver nossas pesquisas. Neste encontro, mesmo que com diferentes lógicas, desejos, percepções e medos, encontramos muitos pontos que nos unem: as nossas experiências, selecionadas por nossas memórias mais recentes, e que conferem a nós, a possibilidade legítima e indispensável de pesquisarmos nossa prática, como afirma Regina Leite Garcia: “a prática que confirmava a teoria. A prática que atualizava a teoria. A prática que dava sentido a teoria.” (GARCIA, 2003, p.14)

Ninguém pode ir para escola, e agora?

Ambas instituições, viveram uma avalanche diária de preocupações, sobre as condições de ensino em uma escola fechada. Qual seria o papel social da escola no contexto da pandemia? O que os professores, estudantes, famílias podiam fazer?

Neste primeiro momento, o movimento nas duas escolas seguiu uma mesma intencionalidade: manter o vínculo e dar esperança.

As escolas sofriam em suas realidades, as urgências pairavam primeiramente na manutenção da vida. A escola privada iniciava uma “trilha de sobrevivência”, por conta da crise econômica nacional e familiar, que afetavam diretamente a existência da escola. A

escola pública também tinha uma realidade complexa, sua comunidade escolar estava em risco, muitas famílias se encontravam em situação de vulnerabilidade e, assim promoveu ajuda às famílias que ficaram sem recursos, marcada pela ideia: “Nenhum a menos”.

O espaço digital começou então a se apresentar como opção. Nas duas escolas, eram muitas as reuniões pedagógicas. Nestes espaços de discussão, o desafio era pensar na construção dessas novas ações respeitando os princípios do diálogo, da construção dos saberes e da amorosidade. Em tempos diferentes, as duas escolas acordaram com seus grupos, iniciar ações considerando a realidade e possibilidade de acesso dos estudantes.

Ensaios de experiências pedagógicas começaram a fazer parte das duas realidades. E tinham como objetivo maior, proporcionar a retomada do contato com a experiência escolar. Algumas propostas de trabalho foram enviadas para os alunos, através dos recursos disponíveis em cada uma das escolas. Vídeos foram produzidos pelos professores que buscaram um achegamento com seus alunos. Diante de inúmeras incertezas, as semanas começaram a passar e a necessidade de estreitar os laços era cada vez maior.

A escola continua fechada, e agora?

As perspectivas de retorno estavam cada vez mais distantes. A “gripezinha”, como nomeou o presidente, crescia mais avassaladora, revelando uma nova forma de existir da escola. A escola como conhecíamos não estava mais no nosso campo de visão.

As reuniões pedagógicas se tornaram mais sistemáticas. Na escola privada, uma plataforma foi contratada e passou a ser objeto de estudo dos professores. Na escola pública, já existia uma plataforma institucional que era usada para a oferta de cursos e ações da escola. As escolas começaram a pensar em possibilidades de disponibilizar proposições para os estudantes.

O caminho foi árduo em ambas as escolas. A pouca experiência dos docentes com as tecnologias trouxe tensões. Outro grande desafio era latente: Como tornar possível as metodologias destas escolas por meio dos recursos que eram oferecidos pelas plataformas? Mesmo com as possibilidades digitais, elas não ofereciam o principal: o contato com o outro.

Neste sentido, nossas reflexões apontavam para iniciativas de "postagens pedagógicas" que instigassem cada estudante a começar a experimentar essa inédita experiência escolar. Havia uma intenção clara nas propostas que começavam a se desenhar, buscar interação, reflexão e fugir das ações transmissíveis. Nossos alunos experimentaram um espaço digital de uma escola em metamorfose, sem amarras, sem prazos, com cada um em seu tempo, com suas subjetividades familiares, seu autoconhecimento e responsabilidade.

Em ambas as escolas, apesar de todos os esforços, as interações com os alunos ainda eram frágeis e superficiais. As atividades que eram postadas, não construíram a aproximação almejada. Os encontros por meio de videoconferências, passaram a ocupar um lugar de muita importância nas discussões, por conta da potência desse recurso: o contato com o outro. Eles realmente foram um marco para que as escolas comesçassem a tomar um novo corpo.

O segundo semestre iniciou, ainda não há previsão de retorno, e agora?

Esta tentativa de pensar a escola não presencial, nos impõe muitos desafios. Acreditamos que é preciso *reinventar a escola* (CANDAUI, 2000), oportunizar a *reorganização de tempos e espaços escolares numa escola organizada em ciclos* (FERNANDES, 2003), tentando promover uma *educação emancipatória e dialógica* (FREIRE, 1996), através do debate por uma *ecologia de saberes* buscando *justiça cognitiva*

(SANTOS, 2007), com a *potência das experiências práticas* (GARCIA, 2003).

A única certeza que temos é a incerteza do futuro, que aparece em forma de dúvida: Como discutir currículo? Como garantir o direito à educação em períodos pandêmicos? Podemos organizar ações pedagógicas que propiciem a interação entre alunos/alunos, professores/alunos, famílias-alunos/professores? Podemos acompanhar os processos de aprendizagens de cada criança? Podemos avaliar o trabalho pedagógico e as aprendizagens que estão acontecendo e se estão acontecendo? Podemos organizar o espaço e o tempo para a escola, dentro das casas dos professores e dos alunos? Após seis meses da não existência da escola presencial, podemos ignorar a *metamorfose* da escola? Podemos construir laços de afeto e confiança, sem o toque e sem o olho-no-olho? Sigamos perguntando, pesquisando, estranhando essas “lógicas”...

No meio de tantas perguntas, nos resta assumir as possibilidades de transformar/reinventar a escola, neste momento tão triste e cruel que o mundo atravessa de perdas humanas. Trabalhamos, estudamos, criamos, sofremos com tantos dilemas, mas queremos voltar a sorrir com nossos alunos!

Palavras-chave: Escola não presencial. Anos Iniciais. Relatos de experiência.

REFERÊNCIAS

CANDAU, M. V. (org). Reinventar a Escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

FERNANDES, Claudia. A Escolaridade em ciclos: práticas que conformam a escola dentro de uma nova lógica – a transição para a escola do século XXI. 2003. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia :saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Regina Leite. Tentando compreender a complexidade do cotidiano. In: GARCIA, R. L. (org.) Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NÓVOA, Antonio. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. *Educação e Realidade*, Porto Alegre , v. 44, n. 3, e84910, 2019.

SOUSA, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. .Novos estud.- CEBRAP no.79SãoPauloNov.2007